

## **Museus e descolonização da memória imperial: a exposição Europa Oxalá e o Gabinete de Curiosidades<sup>1</sup>**

### **Museums and the decolonization of imperial memory: the Europa Oxalá exhibition and the Cabinet of Curiosities**

Clarisse Moreira Aló<sup>2</sup> ([clarissealo@gmail.com](mailto:clarissealo@gmail.com))

**Resumo:** Este artigo apresenta a análise contraposta de duas exposições recentes, com o intuito de explorar suas contradições em relação ao trato da memória imperial portuguesa e da herança colonial europeia. Uma delas é o Gabinete de Curiosidades, vinculado ao acervo da Universidade de Coimbra e a outra, Europa Oxalá, com curadoria e retaguarda intelectual de investigadores/as do Centro de Estudos Sociais (CES), da mesma Universidade. São levantados questionamentos a respeito da manutenção de uma noção de império como memória de descobertas e conquistas inquestionadas a partir da exposição Gabinete de Curiosidades, enquanto a exposição Europa Oxalá direciona o foco para o debate sobre a pós-memória colonial na Europa, com uma carga intencional de descolonização da história e da memória imperial.

**Palavras-chave:** memória imperial; museus; descolonização; imperialismo cultural; Universidade de Coimbra.

**Abstract:** This article analyses two museum exhibitions connected to the University of Coimbra and the Center for Social Studies (CES) by exploring their contradictions related to the treatment given to Portuguese imperial memory and European colonial heritage. From an ethnographic experience through the field of Tourism at the University of Coimbra and the exhibition of the Cabinet of Curiosities, we raised questions about the continuity of a notion of empire as a memory of unquestioned discoveries and conquests. As a

---

<sup>1</sup> O uso e reprodução das imagens neste ensaio estão autorizados e são de responsabilidade exclusiva da autora.

<sup>2</sup> Doutoranda em Pós Colonialismos e Cidadania Global no Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra. Graduada em História e mestra em História Social pela Universidade de Brasília (Brasil). Atua na área de Políticas Públicas de Saúde no Brasil.

counterpoint, the exhibition Europa Oxalá, which has had intellectual backing from CES' researchers and professors as curators and supporters, directly poses the debate on post-colonial memory in Europe, with an intentional charge of decolonization of history and memory.

**Key words:** imperial memory; museums; decolonization; cultural imperialism; University of Coimbra.

### Introdução

Em 18 de maio de 2022, no Dia Internacional dos Museus, a Universidade de Coimbra inaugurou a exibição denominada “Gabinete de Curiosidades – Uma Interpretação”, no Museu da Ciência. Foram selecionados para a exposição cerca de quatro mil “espécimes e artefactos” a partir do próprio acervo do Museu da Ciência, com o objetivo expresso de “recriar o sentimento daquilo que se poderia sentir ao entrar num Gabinete de Curiosidades do século XVIII”.<sup>3</sup>



© UC | DR

---

<sup>3</sup> “Os mistérios do mundo reunidos num Gabinete de Curiosidades”, reportagem publicada no portal Notícias UC, publicado na mesma data de inauguração do Gabinete, em 18/5/2022. Disponível em: <https://noticias.uc.pt/artigos/os-misterios-do-mundo-reunidos-num-gabinete-de-curiosidades>, acesso em 24/6/2022.

Figura 1: Imagem do Gabinete de Curiosidades. Fonte: Portal da Universidade de Coimbra/Divulgação.

A exibição foi concebida e realizada a partir do trabalho técnico dos servidores da Universidade, coordenado pela equipe do Museu de Ciência, uma Fundação de Direito Privado cujas entidades fundadoras são a Universidade de Coimbra e o Município de Coimbra, e contou com o apoio financeiro da Fundação La Caixa. A inauguração do ambiente, imediatamente incorporado ao circuito de turismo da Universidade, foi prontamente divulgada pelos canais institucionais, com duplos intuítos expressos nas falas de seus idealizadores e realizadores: de recriar um sentimento de exploração e de descoberta, e, por outro lado; de capitalização do acervo do Museu de Ciência:

A apresentação das peças está organizada apelando à *descoberta*. Não há etiquetas, não há legendas, não há sequer um percurso lógico. O desafio que lançamos às pessoas que visitarem este Gabinete é o de encontrarem as peças que mais as maravilham e, depois, cada um ter vontade de explorar mais aquilo que viu, ter *vontade de explorar o grande espólio* Museu da Ciência”. Paulo Trincão (2022), diretor do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, em entrevista.<sup>4</sup> [grifos meus].

Já para o Reitor da Universidade de Coimbra:

A criação deste espaço enquadra-se na estratégia da Universidade de Coimbra, que tem como objetivo criar novas e diferenciadoras exposições no Museu e *capitalizar*, ao máximo, o vasto e riquíssimo património da UC, que é único no país, com peças extraordinárias recolhidas ao longo dos últimos 700 anos, de todas as partes do mundo. Amílcar Falcão (2022).<sup>5</sup> [grifo meu].

Na contramão deste movimento de exploração, descobertas e capitalizações de espólios, encontra-se uma segunda exposição, umbilicalmente ligada à herança colonial na Europa, e que também obteve de profissionais da Universidade de Coimbra boa parte de

---

<sup>4</sup> “Os mistérios do mundo reunidos num gabinete de curiosidades”, portal Notícias UC, acesso em 26/6/2022, disponível em: <https://noticias.uc.pt/artigos/os-misterios-do-mundo-reunidos-num-gabinete-de-curiosidades>. Em outra entrevista concedida à revista digital da National Geographic, o diretor do Museu reitera: “É preciso por isso informar de maneira objectiva e fomentar o processo de descoberta de que o visitante é actor principal”. National Geographic Portugal (2022), “Um gabinete de curiosidades em Coimbra”, disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/3068-um-gabinete-de-curiosidades-em-coimbra>, página consultada em 26/6/2022.

<sup>5</sup> “Os mistérios do mundo reunidos num gabinete de curiosidades”, portal Notícias UC, disponível em: <https://noticias.uc.pt/artigos/os-misterios-do-mundo-reunidos-num-gabinete-de-curiosidades>, acesso em 24/6/2022.

seu esforço teórico e de curadoria, a exposição Europa Oxalá. Aberta ao público no mês de março de 2022, no Museu da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, a exposição é fruto de coprodução e de curadoria partilhada, dos quais fazem parte o investigador associado do Centro de Estudos Sociais (CES), professor António Pinto Ribeiro, e os artistas Aimé Mpane e Katia Kameli, e cuja retaguarda teórica se ancora nas reflexões do *Projeto Memoirs*,<sup>6</sup> com investigadores associados e colaboradores do CES.

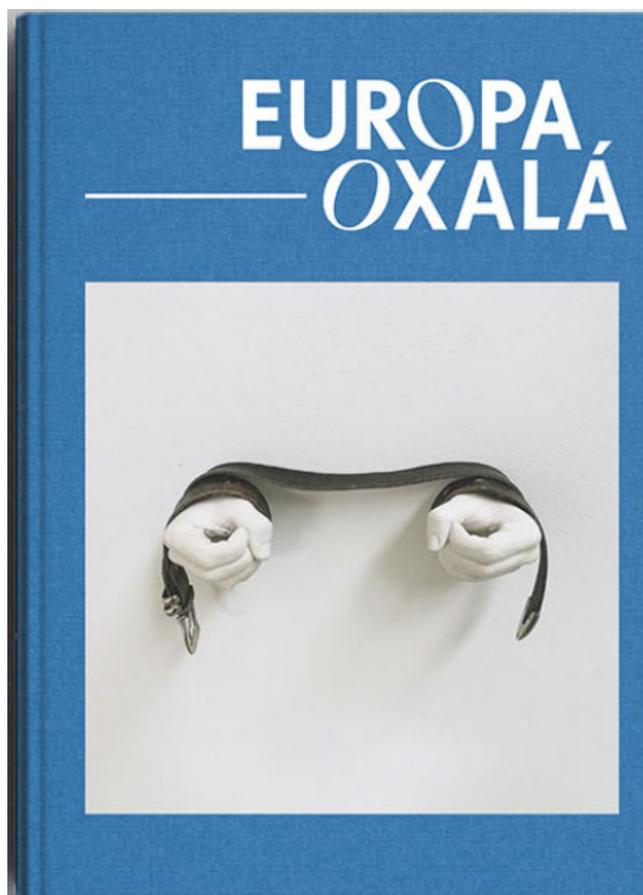


Figura 2: Imagem do catálogo da exposição Europa Oxalá. Fonte: Fundação Calouste Gulbenkian/Divulgação.

Europa Oxalá apresenta obras de arte contemporânea, de autoria de artistas afroeuropeus, e lida diretamente com os temas da herança, pós-memória e identidade a partir deste lugar de deslocamento geracional de ex-colônias para a Europa. As obras e instalações dialogam com o racismo, a descolonização das artes e a desconstrução do

---

<sup>6</sup> O *Projeto Memoirs* é composto por professores e investigadores, entre eles Margarida Calafate Ribeiro, António Pinto Ribeiro, António Sousa Ribeiro, Paulo de Medeiros, Roberto Vecchi, Fátima Rodrigues, Felipe Cammaert, Fernanda Vilar e Hélia Santos. O Projeto é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação da União Europeia e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

pensamento colonial hegemônico, ainda que disfarçado, na sociedade europeia. A exposição inova ao destacar artistas europeus com ascendência africana de diversos países em uma mesma exibição, com o intuito de evidenciar a diversidade cultural sem a pulverizar, mas indo de encontro justamente com o legado das guerras coloniais, da imigração, com a herança familiar sobre estas dores de forma direta. A exposição foi inaugurada em Marselha, França, e seguiu em forma de turnê para Lisboa, finalizando sua temporada no *AfricaMuseum*, em Tervuren, Bélgica, apresentando cerca de 60 obras de 21 artistas de origem angolana, congoleza, guineense, argelina, entre outras.

Neste breve ensaio, busco refletir sobre as contradições das duas experiências provocadas pela Universidade de Coimbra: a exploração da memória imperial *inconsciente* (A. S. Ribeiro, 2016), como parte de um circuito de turismo “histórico” promovido no campus da Universidade, em comparação com a exposição Europa Oxalá, que procura expor materialmente o debate sobre a pós-memória (Hirsch 1997, 2008; Ribeiro & Ribeiro 2018) e a herança colonial sob o viés das teorias pós-coloniais. As reflexões aqui inscritas passam também pelo crivo pessoal, que não me abstenho de admitir, uma vez que fui colaboradora (sem deixar de notar a conotação eufemística da palavra) do Núcleo de Turismo da Universidade de Coimbra por um período de dois meses. A função de trabalhadora de uma indústria exploratória dos espaços físicos e da memória que é o turismo dito histórico, combinada com a vivência de doutoranda do Programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global, provocou-me diversas inquietações, e este artigo é fruto da *exploração*<sup>7</sup> deste sentimento. A partir desta breve e pouco intencional pesquisa de campo, relativamente participativa, pretendo realizar uma comparação e levantar algumas questões, auxiliada por imagens e anotações pessoais, e ancorada na literatura acadêmica do programa de doutoramento mencionado. É, enfim, como brasileira em condição de imigrante em Portugal que escrevi, em uma espécie de autoetnografia do duplo lugar de pesquisadora e trabalhadora que vê e vive condições contraditórias.

As questões que levanto estão relacionadas ao lugar ambíguo da Universidade, que ora funciona como instituição sede e apoiadora de um programa de investigação e pesquisa pós-colonial que desafia o modelo unidirecional e universal da História (M. Ribeiro, 2016), e ora atua como reforçadora de uma noção de império como memória inquestionada de

---

<sup>7</sup> No sentido de investigar e processar ideias e sentimentos pessoais.

descobertas e conquistas sobre as quais não se disfarça o orgulho, nem tão pouco a vontade de lucrar com as peças que compõem este orgulho. Estranha que uma universidade, cujo Centro de Estudos Sociais (CES) desponta no cenário acadêmico como referência de investigadores e produções que refletem a respeito do legado colonial, sem deixar de levantar a urgência de descolonizar a história, a memória, os museus e monumentos, produza exposições que reforçam a exotização e objetificação de outros povos e culturas que não sejam oriundos da Europa.

Sendo assim, procuro entender por que se busca recriar hoje o sentimento de colecionadores de "peças raras, exóticas e até bizarras" (como o disse o Reitor para o portal de notícias da Universidade de Coimbra), à maneira com que o teriam feito exploradores e aristocratas europeus do século XVIII, contexto em que se originou essa prática.<sup>8</sup> Que relação com o mundo "exótico" se intenciona estabelecer ao expor nas prateleiras animais empalhados com origens brasileiras, africanas ou asiáticas, lado a lado com esqueletos de baleias, fósseis de dinossauros, fetos deformados *in vitro*, instrumentos musicais asiáticos e máscaras africanas, sem uma distinção aparente?

Qual é afinal o papel da universidade nesse domínio do que se deve divulgar e promover como história e como presente em um mundo que se depara cada vez mais (ou se nega a ver, mas vive) com a xenofobia e o racismo? Como isso se relaciona com o lugar do museu, particularmente de arte contemporânea, e suas próprias contradições, quando se coloca o desafio de tratar das heranças coloniais no continente europeu? Penso que as declarações, os ditos e não ditos do Gabinete de Curiosidades e de outros pontos de memória imperial no circuito da Universidade de Coimbra, divergem radicalmente da exibição Europa Oxalá, sobretudo no posicionamento sobre a alteridade, uma vez que objetifica e reduz o outro não-europeu a um ser exótico e bizarro, ou seja, primitivo e inferior, incapaz de produzir história e arte.

### **Museus e memória – apontamentos pós-coloniais para uma tarefa de descolonização.**

Há um crescente debate na Europa nas últimas décadas sobre a urgência de descolonizar os museus e a memória das heranças coloniais, assim como movimentos de protesto em favor de restituições de acervos. Em Portugal, mais precisamente, a discussão

---

<sup>8</sup> Pardo-Tomás, 2018.

tomou vulto em meados da década de 2010, juntamente com a polêmica em torno da proposta de criação do Museu dos Descobrimentos, em Lisboa.

A discussão a respeito das funções e missões dos museus são encontradas em escritos acadêmicos e mesmo em artigos de jornais portugueses de grande circulação.<sup>9</sup> Também o movimento de derrubada de estátuas e contestação de monumentos imperiais tomou força durante a pandemia, especialmente após o assassinato de George Floyd, ganhando proporções evidentes nos últimos anos, através do movimento *Black Lives Matter*. Para além de um movimento intelectual, se fez sentir como um movimento de expressão social, observável nos atos de derrubada de estátua do traficante de escravos Edward Colston em junho de 2020 em Bristol, Reino Unido<sup>10</sup>, na queima da estátua de Borba Gato, em julho de 2021 em São Paulo<sup>11</sup>. Já para muitos países africanos que enfrentaram terríveis guerras coloniais na segunda metade do século XX, como África do Sul, Quênia, Zimbábue, Congo, entre outros, a derrubada e desfiguração de estátuas coloniais é um processo de mais anos<sup>12</sup>.

Estes movimentos sociais e intelectuais, expressos de maneiras diversas, tomam a mesma direção de contestação da manutenção de símbolos coloniais em forma de homenagem aos impérios escravocratas e às figuras que se beneficiaram deles. Fossem chefes de estado, burocratas, aristocratas ou traficantes de pessoas e mercadorias, bandeirantes e “desbravadores”, colonizadores, enfim, foram descritos nos discursos oficiais como heróis e pacificadores, exploradores e conquistadores e tiveram como consequência de seus atos serem glorificados e imortalizados na memória material, em forma de esculturas e monumentos, em ruas e museus mundo afora.

---

<sup>9</sup> António Pinto Ribeiro publicou artigo sobre o caso recentemente no jornal O Público, assim como Boaventura de Sousa Santos. Para o artigo de António Pinto Ribeiro ver: <https://www.publico.pt/2022/05/17/culturaipilon/opiniao/museus-europa-2006421>, e Boaventura de Sousa Santos ver: <https://sul21.com.br/opiniao/2020/06/as-estatuas-do-nosso-descontentamento-por-boaventura-de-sousa-santos>, acessos em 28/6/2022.

<sup>10</sup> Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/07/manifestantes-derrubam-estatuas-do-trafficante-de-escravos-edward-colston-em-bristol-na-inglaterra.ghtml>, acesso em 29/6/2022.

<sup>11</sup> Notícia disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/estatuas-do-bandeirante-borba-gato-e-incendiada-em-sao-paulo.shtml>, acesso em 29 de junho de 2022.

<sup>12</sup> Notícia disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/in-africa-toppling-statues-is-a-1st-step-in-addressing-racism-not-the-last>, acesso em 29 de junho de 2022.

Embora muitas ex-colônias promovam essa reflexão desde há muito tempo e muitos intelectuais particularmente de teorias pós-coloniais venham a fazer as mesmas observações em seu campo de trabalho, aparentemente nos ex-impérios a contestação das homenagens aos colonizadores são menos evidentes. Acontece que para muitos herdeiros destes impérios, a memória das conquistas e da exploração do novo mundo segue intrinsecamente ligada à identidade e orgulho nacionais, integra a formação escolar e a memória coletiva, numa espécie de *inconsciente colonial* europeu (M. Ribeiro, 2016).

Este inconsciente colonial hoje prevalece, particularmente na Europa, por meio de narrativas que promovem uma versão de história única e universal, ainda concentrada na recordação de grandes feitos e grandes nomes – da realeza, da aristocracia e dos *descobridores*. Embora esta narrativa tenha sido superada pela maioria das abordagens historiográficas acadêmicas, reverbera ainda no imaginário a centralidade do passado imperial. Mesmo após as guerras coloniais e as independências políticas das ex-colônias africanas de Portugal, aqui se cultivou uma prática de esquecimento e silêncio, resultando em uma certa desmemória a respeito da colonização e dos processos violentos que a sucederam. Este mesmo silenciamento se estende às guerras coloniais e aos retornados, cujas famílias vieram para Portugal na sequência da descolonização, sobre os quais o *Projeto Memoirs - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* se debruça (M. Ribeiro, 2020).

Os estudos pós-coloniais apontam que a experiência colonial não apenas transformou a história das ex-colônias, mas também da Europa, formada a partir destas relações transnacionais e transculturais na tessitura complexa e violenta da modernidade. O fato de que não se pode pensar o continente fora deste contexto é evidenciado, bem como a cegueira que seguiu a perda do império na autorreflexão sobre as responsabilidades do continente que explorou pessoas e recursos de vastas regiões do mundo. O fato de que hoje se usam corriqueiramente termos como descoberta e exploração inadvertidamente, sem que se pese sua história e conotação violenta, é sintomático deste apagamento sobre quem viveu o lado trágico da colonização, e mostra a continuidade da narrativa eurocêntrica sobre a história.

No entanto, alguns centros de pesquisa de universidades em diferentes partes do mundo têm contribuído para o movimento de descolonização da memória, em particular a

Universidade de Coimbra, através do seu Programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global e do apoio dado às investigadoras e investigadores do Centro de Estudos Sociais. A equipe do projeto *Memoirs*, por exemplo, trabalha exatamente a herança colonial como uma questão transversal e determinante para a definição da Europa contemporânea, assentada no conceito de pós-memória como a apropriação de histórias familiares de descendentes de segunda ou terceira de geração daqueles que viveram os processos de descolonização de territórios.

A reflexão pós-colonial implica pensar que também a Europa precisa ser descolonizada, que necessita refletir e reler o seu passado, transformar sua linguagem imperial, e realizar uma inversão de paradigmas históricos, se quiser melhor compreender o presente e funcionar em uma perspectiva de comunidade minimamente inclusiva. A reivindicação do ponto de vista dos colonizados e a crítica contumaz à ordem do saber da modernidade ocidental, contributos das perspectivas pós-coloniais, bem como apontamentos sobre a diferença colonial, são fundamentais para uma Europa que queira sair da sombra do seu passado colonial, sem permitir que suas dinâmicas desiguais de poder se projetem e condicionem seu futuro. Neste sentido, o trabalho de memória se torna um imperativo ético e político, desvelando a falta de correspondência entre a memória pública de imaginário imperial e a construção de sociedades críticas e intolerantes com o racismo e a xenofobia, entre outras formas de exclusão tão atualmente em voga.

Descolonizar a memória passa por descolonizar linguagens imperiais e sua lógica unidirecional e mais, como menciona M. Ribeiro (2016: 25), “descolonizar o descolonizador e sua imagem, descolonizar o descolonizado e sua imagem”. M. Ribeiro (2016) aponta para a dimensão transnacional das identidades e também da memória, que muitas vezes as criam de maneira antagônica, assim como foram construídas as relações coloniais. Neste sentido, o estudo de Rothberg (2009) acerca da memória multidimensional traz ferramentas para pensar que a articulação do passado em memória coletiva pode ser uma luta por reconhecimento de narrativas sobre traumas. Isso porque os acontecimentos vividos não se tornam automaticamente em memória na esfera pública a não ser por uma série de ações de valoração destes eventos como relevantes para serem lembrados na vida coletiva, como marcos fundacionais. Rothberg discute a maneira como a relação entre memória, identidade e violência são muitas vezes confundidas como jogos de soma zero,

em que há os vencedores e os perdedores daquilo que se recordará como importante. Nesta avaliação, se entende que acontecimentos traumáticos competem entre si para serem lembrados, como se não houvesse espaço na memória coletiva para diferentes eventos e versões, colocando vários tipos de traumas em concorrência direta.

Se pensarmos na memória como um processo multidirecional e não unidirecional, sujeito a negociações e referências cruzadas, muitas vezes emprestadas, produtivas e não privadas, será mais fácil percebermos que são as dinâmicas interculturais que produzem diferentes memórias históricas, e que as mesmas não são exclusivas no imaginário coletivo. A articulação entre traumas vividos no passado, como o holocausto ou a escravidão, e a consciência sobre a atualidade destas questões no presente e suas plataformas de reivindicação não precisa passar sobre a competição e anulação da lembrança e importância de qualquer um deles. Pelo contrário, pode evidenciar ainda mais sentimentos de empatia entre diferentes. A memória, ou “o passado feito presente” (Rothberg, 2009: 4, tradução livre), coloca-nos a questão de que memória é um fenômeno contemporâneo e que ela é uma forma de ação sobre o presente, um trabalho operado a partir de intervenções e práticas sociais para a arena coletiva. A memória seria, então, um espaço em que se atualizam questões coletivas ancoradas no passado, escolhidas como relevantes e não resolvidas, como tarefas para transformar a realidade – ainda que essa transformação seja a não repetição de eventos traumáticos.

Os museus, por sua vez, operam como ferramentas de memória e coisificação de narrativas sobre o mundo, muitas vezes incorporados em construções imperiais, e realizam uma parte desta tarefa de memória na recolha e escolha de quais eventos do passado são relevantes para o presente. Os museus ocuparam o lugar de colecionadores, classificadores e expositores da natureza, cultura e história do mundo, particularmente sobre as conquistas ultramarinas. Seus acervos se compuseram de peças que detinham algum estatuto de raridade, reportando o exótico encontrado por viajantes, exploradores e comerciantes para o público imperial, sobretudo no caso dos museus nacionalistas. António Pinto Ribeiro, curador da exposição *Europa Oxalá* disputa este papel dos museus na atualidade, e reclama a urgência em descolonizar os museus: “os museus ou são pós-coloniais ou não são nada” (A. P. Ribeiro, 2016:95), contrapondo-se ao modelo de instituição para o qual foi criado,

como ode ao império, materialização da “ocupação colonial e da posse do resto do mundo” (A.P. Ribeiro, 2009:96).

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e o Museu da Fundação Gulbenkian possuem diferentes propósitos e destinos, mas ambos necessitam travar a luta contra o paradigma eurocêntrico de narrativa unidirecional e universal da história. Se por um lado, o Museu Gulbenkian, com exposições frequentes de arte contemporânea, realiza claro empenho nesta direção e possui certas tendências mais comuns na cena da arte contemporânea – forçar as fronteiras do lugar comum, trazer novidade – , o Museu da Ciência também deve fazer um esforço para estar em um mundo novo, um mundo outro que aquele dos gabinetes privados da aristocracia européia do século XVIII.

### ***As curiosidades do circuito de turismo da Universidade de Coimbra.***

Comparada às produções de investigadores do CES, a área de turismo da Universidade de Coimbra destoa como um ponto fora da curva. O turismo, grosso modo, é uma indústria que por si funciona a partir da exploração e capitalização de patrimônios naturais, culturais e históricos, promovendo experiências aos visitantes que se pretendem particulares, muito embora sejam muitas vezes superficiais e artificiais. No caso do turismo focado em monumentos e patrimônios históricos, é justamente a partir da fixação de um momento e uma memória que se explora a experiência, como a que sucede ao se visitar uma prisão medieval, uma biblioteca ou uma capela construída no século XVII ou XVIII, um palácio real onde hoje se encontra uma república presidencialista. Um turista que viaja em busca de uma ruína romana não deseja pagar para ver qualquer coisa que não seja isso, um lugar bem caracterizado e fixado no tempo.

A Universidade cumpre um papel central hoje no turismo da cidade, a ponto de ser comum ver turistas vagarem pelas salas de aula de faculdades próximas do circuito do Paço das Escolas. Não se pretende questionar que existam benefícios em se promover interesse sobre a formação educacional de nível superior, e como fonte de recursos para a instituição. Mas há contradições evidentes entre promover um fascínio sobre a educação e a investigação de alto nível e manter uma visão fetichista e acrítica sobre sua própria história.



Figura 3: Universidade de Coimbra (2022), “O que visitar”. Imagens de divulgação da Biblioteca Joanina e do Palácio Real, <https://visit.uc.pt/pt> , 12/22/2022.

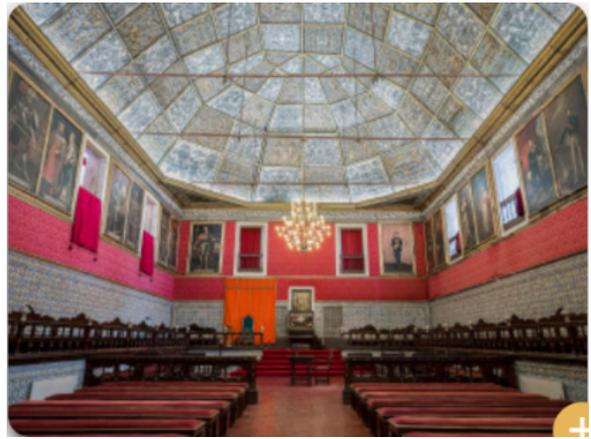
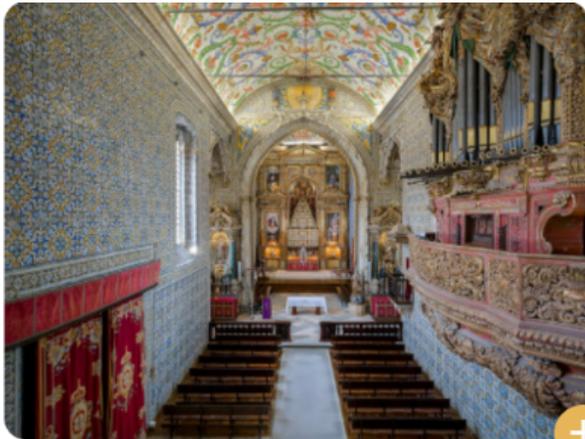


Figura 4: Universidade de Coimbra (2022), “O que visitar”. Imagens de divulgação da Capela de São Miguel e da Sala dos Grandes Atos, <https://visit.uc.pt/pt>, 12/11/2022.

Coimbra e sua universidade estiveram profundamente conectadas com a história da expansão ultramarina portuguesa, sobretudo se pensarmos na tradição jesuítica que aqui se concentrou. E mesmo após a expulsão da ordem religiosa, a cidade manteve uma forte conexão com outras partes do império, fosse recebendo estudantes das ex-colônias, fosse recebendo os próprios frutos materiais da expansão, como se observa no órgão da Capela de São Miguel ou dos adornos de ouro da Biblioteca Joanina, cujas madeiras e ouro têm origem brasileira e a mão de obra de africanos escravizados.

Os espaços e monumentos de memória imperial – no caso do circuito turístico da Universidade de Coimbra -, sobrepõem muitas camadas não ditas e propositalmente ausentes, sobre os contatos intelectuais, materiais e de pessoas, e sobretudo sobre os povos

de diferentes continentes que ajudaram a imprimir, por bem ou mal, essa história em Coimbra. Todos os dias os guias (oficiais e não oficiais) fornecem explicações para os grupos de turistas, sobre datas e fatos dos ditos grandes nomes que inauguraram ou ocuparam estes lugares nos séculos XVI, XVII e XVIII. São listas de reis e rainhas, padres e reitores, anjos e santas padroeiras, mas pouco ou nada se fala sobre o trabalho forçado de escravos africanos que entalharam na madeira brasileira o órgão da capela, no século XVIII, ou do ouro de origem extraído de Minas Gerais, para ornamentar o mesmo órgão e as paredes da capela e da biblioteca Joanina.

A antiga biblioteca, carro chefe do circuito turístico histórico da universidade e da cidade de modo geral, já há muito serve como um monumento e um objeto em si. São raros os momentos em que a comunidade acadêmica a utiliza para fins de pesquisa. Hoje, ela abriga eventos muito exclusivos, e, de resto, é privilegiadamente habitada por poucos funcionários e muitos turistas. São estes últimos que, a cada dez minutos, retiram de sua penumbra as imagens que podem guardar na memória individual, e seguem sem guias ou explicações sobre suas fundações, seu acervo, suas paredes de madeira a imitar mármore. Seu uso como biblioteca expirou, extinguiu-se, resta como monumento turístico de uma idílica ilha de saberes secretos, conhecido apenas pelos iniciados, aristocratas e religiosos que seguiam uma carreira devotada ao império português. Em certo sentido, para ser turística, a Joanina teve que deixar de existir como biblioteca, ou seja, deixar de ser acadêmica, e passar a existir, apenas, como uma coisificação da memória imperial.

Estes monumentos foram incorporados a um circuito de turismo que mobiliza uma noção de império português, sem que se realize uma reflexão crítica de seu passado, como se não tivesse produzido implicações no presente, em espaços repletos de ausências. São ignoradas as implicações deste orgulho mal disfarçado sobre a dita expansão, a colonização, e a alteridade hierarquizada de povos. Estes povos e suas expressões culturais e sociais figuram como objeto de observação e catálogo, e suas regiões do mundo foram feitas de recurso e matéria prima para a feitura de peças raras, de ostentação e luxo.

O “Gabinete de Curiosidades” faz sentido dentro deste circuito de turismo “histórico” da universidade de Coimbra, e assim se coloca muito distante de museus e exposições de arte contemporânea, que colocam em questão a pós-memória e a descolonização da memória imperial. Museus e gabinetes de *objetos históricos* são

monumentos que não pretendem mostrar arte contemporânea, e, portanto, pretendem outro diálogo ou movimento com o público. Dentro desta categoria de objeto histórico e de artefatos, se mesclam máscaras, lanças, instrumentos musicais e esqueletos, crânios, animais empalhados há centenas de anos. São peças que dificilmente faria sentido expor juntas, a não ser a partir de uma visão externa que as compare sob a égide do exótico e do bizarro.



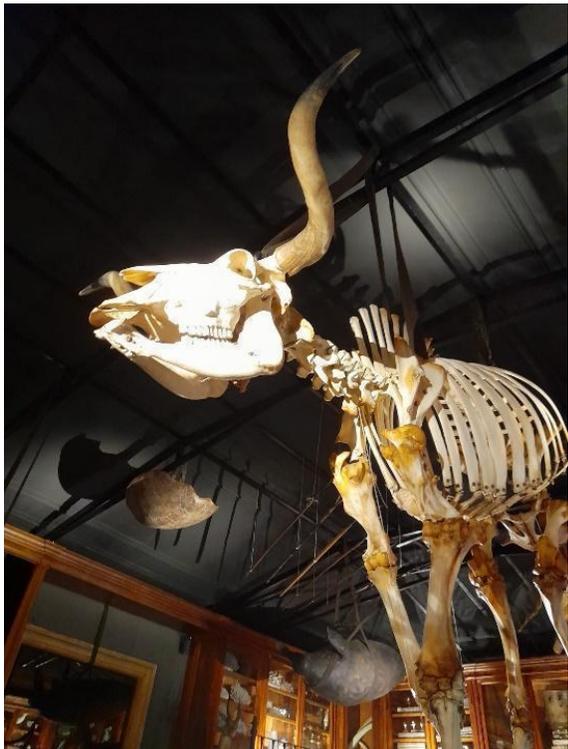


Figura 5: "Raro, exótico e até bizarro", "Os mistérios do mundo reunidos em um gabinete", de acordo com o Reitor da Universidade<sup>13</sup>. Nas vitrines do Gabinete os artigos do acervo do Museu da Ciência são exibidos indistintamente, sem referências, locais de origem e datas. Fotos da autora, 2022.

O gabinete está organizado em uma sala única dentro do Museu da Ciência, com vitrines de ponta a ponta em seu circuito, dentro das quais o acervo se apresenta aos visitantes, sob uma música e iluminação colorida que se alterna e induz o olhar para as peças alocadas sem legendas e aparentes distinções temporais, temáticas ou geográficas. A forma como se apresentam os animais e *artefactos* no Gabinete de Curiosidades, embora pareça desordenada ou sem qualquer lógica classificatória, não foi organizada ao acaso. Ainda que tenha sido expressa a intenção de aglutinar "objetos" na tentativa de reproduzir uma estética de coleção privada, sem rigor científico ou sem narrar temporalmente e contextualmente as peças, a mescla do acervo nas vitrines demonstra a noção de que seria possível contar a "os mistérios do mundo" em uma pequena sala. Esta narrativa segue uma lógica de manutenção e reprodução de memórias imperiais, e seu modelo de História única e Universal, eurocentrada.

A tentativa de recriação de um gabinete de colecionadores europeus sobre as "conquistas" do século XVII e XVIII diz algo mais sobre um mundo que se deseja reviver, aquele em que o europeu volta a dominar e ter certa posse. A pretensão de "fazer uma recriação do sentir", proporcionar a vivência de um ambiente "quase mágico que presidiu aos gabinetes do século XVII e XVIII",<sup>14</sup> denota este desejo de experiência. Não é à toa que se deseja de certa forma voltar a um tempo em que o império ultramarino luso ainda dominava vastas partes do mundo, quando abduzir pessoas, materiais e animais era prática corrente. Uma era na qual se mantinha a crença no mito da herança sagrada ou do Eldorado (A. Valentim, 1995), de que se cumpriria o destino da nação portuguesa de se reconhecer como uma grande potência e de que a conservação de seus domínios ultramarinos era um imperativo histórico e divino. O projeto colonial, visto a partir destes dois mitos, implicava a visão dos povos submetidos à colonização como objetos, passivos e incapazes, o que por si justificava de forma condescendente o controle europeu.

---

<sup>13</sup> Portal Notícias UC, disponível em: <https://noticias.uc.pt/artigos/os-misterios-do-mundo-reunidos-num-gabinete-de-curiosidades>, acesso em 24/6/2022.

<sup>14</sup> Portal Notícias UC, disponível em: <https://noticias.uc.pt/artigos/os-misterios-do-mundo-reunidos-num-gabinete-de-curiosidades>, acesso em 24/6/2022.

Os gabinetes de curiosidades, constituídos como armazéns dos tesouros da nação, e dos quais descendem os museus modernos, eram instituições que refletiam e serviam a uma elite cultural europeia.<sup>15</sup> Não é tamanha coincidência que António Pinto Ribeiro mencione literalmente os gabinetes de curiosidade no seu artigo sobre a descolonização dos museus de 2016, e pouco tempo depois uma exposição que alude diretamente a esta prática tenha sido organizada e inaugurada em Portugal. Isto indica que convivem em Portugal, e mais especificamente, dentro da Universidade de Coimbra, reflexões pós-coloniais e vocações de império de valor corrente, com sua vontade de possuir o exótico e encapsular a história do mundo e seus “mistérios”. A aura excepcional e mágica do outro se personifica na sala de exposições do museu em forma de gabinete, de forma tão expressa quanto desavergonhada de sua índole e pretexto. Ao reconhecer estes impulsos na Europa atual, com suas releituras de gabinetes e museus imperiais, entre outros produtos culturais que rememoram explorações, descobertas e guerras, não se reconhece o desejo do continente de se descolonizar de suas ex-colônias e de si próprio.

Embora a história de Portugal e de Coimbra não se possa contar sem mencionar as expedições e trocas culturais com outras partes do mundo, esses “outros” não estão presentes na narrativa dos espaços de turismo da universidade. Isto porque a versão que se escolhe lembrar é aquela do império que *descobriu* o novo mundo, que produziu “Os Lusíadas”, que coletou animais e artefatos exóticos e até bizarros. É uma versão que escolhe um tipo de desmemória e esquecimento de parte intrínseca desta história de contatos e conflitos coloniais que transformaram o mundo. Ela também faz esquecer que estes outros povos produzem suas histórias, foram e estão presentes também na Europa, e não devem ser reduzidos a objetos de coleção em museus empoeirados.

### **A exposição Europa Oxalá: possibilidades diversas e plurais de se repensar e recontar o passado/presente.**

A exposição Europa Oxalá faz parte de um outro tipo de movimento do olhar, na qual as heranças coloniais são ativamente expressadas por artistas europeus de ascendência

---

<sup>15</sup> Para mais informações acerca dos antigos gabinetes de curiosidades, ver Brigola, João (2003). *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no Séc. XVIII*, Paolucci, Antonio CNN (2020), *Cabinet of Curiosities*; e Pardo-Tomás, José (2018), *La historia natural y el coleccionismo en gabinetes de curiosidades y museos de papel*.

africana que retiram de histórias familiares os rastros e cicatrizes das guerras coloniais, do processo de descolonização política, da imigração para a Europa. No sentido de confrontar a desmemória forçada e expor materialmente as consequências do processo colonial, a exposição põe luz às “histórias entrelaçadas e memórias diferentes sobre eventos comuns” (M. Ribeiro, 2016:27), que foram as guerras coloniais. Além disso, a dimensão transnacional é trazida à tona, assim como sua determinação para o contexto da Europa contemporânea.

Com um trabalho de curadoria partilhada entre Aimé Mpenbe Enkobo, António Pinto Ribeiro e Katia Kameli, Europa Oxalá apresenta pouco mais de setenta obras na galeria principal da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Politicamente engajada em repensar a questão da identidade europeia e sua memória em contexto pós-colonial, são expostas obras que desafiam a perspectiva eurocêntrica das instituições museológicas, a narrativa única, linear e pretensamente neutra, em uma proposta de descolonização do olhar sobre a própria Europa, desvencilhando-se de uma identidade desconectada e isolada do mundo.



Figura 6: “Souvenir”, do artista Fayçal Baghriche. Instalação de globo terrestre iluminado sobre suporte e acionado por um motor que gira depressa e torna impossível distinguir países e continentes. A obra desestabiliza a narrativa de fronteiras e identidades fixas. Foto: Pedro Pina / Fundação Calouste Gulbenkian. 2022.

A exposição dá destaque para o conceito da pós-memória como eixo principal, na qual são salientadas as experiências familiares de europeus descendentes de africanos, que de alguma forma foram afetados traumáticamente pelo contexto das guerras coloniais e das independências políticas, com memórias vividas no corpo e na vida dos artistas. A autoria destas obras expõe em primeiro plano a visão sobre a agência africana, e refuta sua exotização e objetificação. Ao contrário do Gabinete, em Europa Oxalá todas as obras remetem a reflexões propositadamente descolonizadoras sobre memória e identidade, provocando reflexões sobre os processos de transnacionalização realizados no processo colonial e pós-colonial, algo próximo ao que escreve M. Ribeiro sobre como a memória da colonização é transmitida:

Como é que o lastro de nostalgia pela perda, para uns, e de permanência de subalternidade, para outros, é transmitido, reinterpretado e reescrito no contexto pós-colonial europeu pelas gerações seguintes àquela que protagonizou o evento traumático – as guerras coloniais, o deslocamento de populações em massa”. M. Ribeiro (2016: 26).

Há diferença também nos contextos de produção e recepção das exposições, entre a Europa Oxalá e o Gabinete de Curiosidades, que marcam expectativas e possibilidades de diálogo e reflexão com as e os visitantes. No caso da primeira, por se tratar de exibição de arte contemporânea, já se coloca um lugar de interação e intervenção, de releitura e reinterpretação, que abre mais condições para desafiar a amnésia da sociedade europeia sobre os conflitos coloniais. Isso se coloca a partir de uma agenda política de transformação e reconhecimento das heranças coloniais.



Figura 7: Márcio Carvalho, série “Falling Thrones”, 2019. A obra ilustra o derrubo de estátuas por líderes anticoloniais, aqui retratados como atletas olímpicos em uma abordagem criativa sobre a história e a luta contra os governantes coloniais. Foto: Pedro Pina / Fundação Calouste Gulbenkian. 2022.

O movimento que constituiu a exposição Europa Oxalá faz parte de um fluxo de trabalhos intelectuais e sociais que busca realizar a crítica da narrativa unidirecional da modernidade e de seu modelo de história única, não só como meio de se fazer justiça aos povos colonizados, mas como forma de se pensar um mundo presente que ofereça outros caminhos possíveis de convivência de saberes e pessoas, no qual o extermínio do outro ou de suas formas de viver e saber (que é também uma forma de se exterminar) não seja mais possível. A desigualdade nas relações de poder que ainda marca a Europa e outras partes do mundo necessita deste exercício de intolerância com o racismo e a xenofobia, com a objetificação e exotização do outro. Ao apontar para a permanência de um "inconsciente colonial" europeu que ainda hoje nos domina, torna-se possível vislumbrar melhor a “fratura colonial” (M. Ribeiro, 2016:20) sobre a qual se reproduz o ressentimento histórico e contínuo dos descendentes de povos colonizados, para quem o ato colonial não resta terminado.

A chamada “retaguarda teórica” da Europa Oxalá, o projeto Memoirs e o conjunto de reflexões das e dos investigadores que o compõem, debatem justamente que ainda são fornecidas soluções coloniais para problemas pós-coloniais, aprofundando fraturas coloniais e ressentimentos históricos. Esta retaguarda intelectual produz uma interpelação para que seja empreendida uma luta pela linguagem, no sentido da descolonização das grandes narrativas europeias, das pessoas, para que se promova uma descolonização da imagem e da imaginação sobre o outro e sobre si.

A exposição Europa Oxalá revela que para instigar a curiosidade e a reflexão não se precisa ativar um olhar exotizante e objetificador do outro. Que o mesmo corpo universitário é capaz de promover uma releitura e reinterpretação sobre a memória partir da perspectiva pós-colonial, focada em transformar a lógica excludente na qual foi a mesma instituição inaugurada, que pode servir para mais do que instrumento e fundamento daquele "processo de modernização forçado e desenraizador" (Habermas/Derrida, 2003 *apud* A. S. Ribeiro e M. Ribeiro, 2016: 6). Prova disto é a existência da Biblioteca Norte Sul, que em contraposição à Biblioteca Joanina, coleta e disponibiliza escritos de autoria do sul global e para o sul global, em um projeto de valorização das suas epistemologias. Nela, os autores do sul são maioria, não matéria ou objeto de observação e classificação, mas projeto de presente e futuro pós-colonial.



Figura 8: *Ça a été*, série "Fouet", de Djamel Kokene-Dórleans.  
Na obra que expõe um chicote com os dizeres "isso aconteceu" [tradução livre] se percebe uma denúncia direta da violência colonial e racista.  
Foto: Pedro Pina / Fundação Calouste Gulbenkian. 2022.



Figura 9: A obra em desenho *Il Pentito*, de Pedro A. H. Paixão, é um auto-retrato desafiador do artista, que explora sua identidade pessoal como herdeiro de ex-impérios coloniais.  
Foto da autora, 2022.



Figura 10: Detalhe da obra Table de fraternité, do artista Aimé Mpane. Na instalação de técnica mista o artista apresenta uma atualização sobre a última ceia, com referências à negociação econômica sobre pessoas que seguiu o processo colonial.

Foto: Pedro Pina / Fundação Calouste Gulbenkian. 2022.

## **Conclusão**

As exposições debatidas aqui são reveladoras de como são vistos e discutidos os passados coloniais com as gerações herdeiras do colonialismo. A maioria das pessoas que viveu o colonialismo já está desaparecida ou morta, e é na cena da pós-memória colonial de seus descendentes que se realiza a tarefa de atualização e transformação dos traumas vividos por elas, de trabalho sobre o passado feito no presente, de forma seletiva e articulada. Há outros exemplos em Portugal de exposições sobre memória colonial que

travam estas batalhas na arena coletiva, como a exposição Atlântico Vermelho, da brasileira Rosana Paulino e seu “Gabinete Descolonial”, que foi instalado no Padrão dos Descobrimentos em 2017, assim como os debates a favor e contra a organização de um Museu dos Descobrimentos, que se deu na segunda década deste século.

As universidades também têm um papel complexo no contexto do trabalho de memória, e promovem ações muitas vezes contraditórias. Edward Said, ao discorrer sobre a relação entre cultura e imperialismo, apontava para a capacidade das Universidades de oferecer espaço para reflexões utópicas, que incentivam a investigação e discussão de questões vitais que desafiam nacionalismos e formas acríicas de educação. Vemos isto no caso de pesquisadores e professores que desenvolvem investigações a respeito de identidades e culturas como imbricadamente relacionadas e não monolíticas, mas sim heterogêneas e híbridas, em parte devido à experiência imperialista. Mesmo vivida com sinais invertidos e fundamentalmente injusta e insidiosa, boa parte do mundo compartilha uma história aproximada e comum, conectada pelo processo globalizado desencadeado pelas invasões e imperialismo moderno.

Ao mesmo tempo, porém, as universidades não deixam de ser instituições de origens imperiais, constituídas pelo impulso de modernidade das elites aristocráticas, religiosas e intelectuais de classificar e ordenar o mundo, com parâmetros e métricas eurocêntricas. Este paradoxo da instituição que em seu bojo permite a novidade utópica do pensamento enquanto mantém tradições e ações da cultura imperial de retratar o outro não europeu como exótico e a-histórico não é exclusividade de uma universidade europeia em particular, mas é compartilhada e se relaciona com a história das instituições de ensino e com as contradições que vivemos em outros contextos sociais e dos quais trabalhadores do ensino não estão à parte.

Estes paradoxos e contradições são intrínsecos à realidade conflituosa da cultura, como *campo de batalha*, para citar Edward Said. A mesma universidade que mantém um programa de doutoramento em Pós-colonialismos realiza uma exposição que pretende reviver sentimentos imperialistas, em clara desconexão entre estas atividades. De um lado há um programa educacional centrado em desconstruir o projeto monolítico, europeu e unidirecional da História, de outro predomina a vertente da indústria turística com apelo claro e direto de capitalizar sobre espólios adquiridos durante o período colonial. Enquanto

o circuito turístico da universidade concentra o foco em visitas sobre monumentos “históricos” que pertencem à época da universidade como jóia do império, a Biblioteca Joanina, a Capela de São Miguel, o próprio palácio real, tomam parte em uma constante reencenação de um passado de “descobertas”, de realeza, de expansão ultramarina e colecionismo sobre os outros mundos tornado exóticos, a exposição Europa Oxalá pretende ir além do passado português imperial, sem deixar de mencioná-lo expressamente.

O gabinete de curiosidades e a exposição Europa Oxalá são dois pontos divergentes em uma mesma realidade de profundas contradições. Assim como se discute a derrubada de monumentos e estátuas coloniais, se depreendem esforços para defender a continuidade de espaços que carregam heranças imperiais. O mesmo ocorre com outros grandes museus cujas coleções são fruto de espólio e que seguem com cada vez mais alto número de visitantes, onde se realiza a manutenção de certa memória imperial. A “museumania” expressa na espetacularidade e grandiosidade glamurosa dos grandes museus e suas *franchises* é hoje reconhecida na capitalização extrema que cada vez mais os aproximam de casinos, como anotou A. P. Ribeiro, em 2016.

As contradições de um contexto de difícil equação entre passado e presente, que mostra não conciliar heranças coloniais e inconsciente imperial, também se expressa em uma xenofobia crescente quando confrontada com a presença de europeus descendentes de africanos de segunda e terceira geração e de imigrantes que se fazem cada vez mais atuantes e vibrantes na sociedade portuguesa. Trata-se de uma realidade que não fez o luto das guerras coloniais, não resolveu a questão dos retornados, que mistura orgulho pelo passado de conquistas e negação pelo horror causado em si e nos outros. Este ambiente de ausências narrativas sobre povos colonizados se expressa no momento atual, se pensarmos as pessoas que trabalham precariamente na manutenção do circuito turístico da Universidade, no qual a quase totalidade dos trabalhadores da limpeza e da segurança têm origem em ex-colônias portuguesas, são do Brasil, de Guiné-Bissau, ou são descendentes de retornados cujas histórias restam irreveladas. As contradições destas ausências narrativas e presenças materiais são encontradas nas relações desiguais e assimétricas que perduram e são visíveis na sociedade portuguesa, na realidade de trabalhadores precarizados e informais.

## Referências bibliográficas

Alexandre, Valentim (1995). *A África no imaginário político português* (séculos XIX-XX). Penélope: revista de história e ciências sociais, (15), 39-52.

Hirsch, M. (1997). *Family Frames: Photography, Narrative, and Postmemory*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Ribeiro, António Pinto (2016). “Podemos descolonizar os museus?”. In: *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. António Sousa Ribeiro, Margarida Calafate Ribeiro (Orgs.). Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, António Sousa & Ribeiro, Margarida Calafate (2016). “Introdução”. In: *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. António Sousa Ribeiro, Margarida Calafate Ribeiro (Orgs.). Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, António Sousa, & Ribeiro, Margarida Calafate (2018). “A Past that Will Not Go Away. The Colonial War in Portuguese Postmemory”. *Lusotopie*, 17 (2), 277–300.

Ribeiro, Margarida Calafate (2016). “A casa da nave Europa”. In: *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. António Sousa Ribeiro, Margarida Calafate Ribeiro (Orgs.). Porto: Edições Afrontamento.

Rothberg, Michael, (2009). *Multidirectional memory: Remembering the Holocaust in the age of decolonization*. Stanford University Press.

Said, Edward (2011). *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

## Notícias e materiais disponíveis em portais da internet

Brigola, João (2003). “Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no Séc. XVIII”. Lisboa. FCG/FCT, 614pp. Consultado em 30 de junho de 2022, [https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25880/7/Jo%C3%A3o%20Brigola\\_Colec%C3%A7%C3%B5es%20gabinetes%20e%20museus%20em%20Portugal%20no%20s%C3%A9c.%20XVIII\\_FCG-FCT\\_2003.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25880/7/Jo%C3%A3o%20Brigola_Colec%C3%A7%C3%B5es%20gabinetes%20e%20museus%20em%20Portugal%20no%20s%C3%A9c.%20XVIII_FCG-FCT_2003.pdf).

Campos, Antonio Luis. National Geographic Portugal (2022). “Um gabinete de curiosidades em Coimbra”. Consultado em 26 de junho de 2022. <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/3068-um-gabinete-de-curiosidades-em-coimbra>.

Costa, Marta; Paniza, Karine; Santos Milene. Portal de notícias da Universidade de Coimbra (2022). “Os mistérios do mundo reunidos em um gabinete de curiosidades” Consulta em 24 de junho de 2022, <https://noticias.uc.pt/artigos/os-misterios-do-mundo-reunidos-num-gabinete-de-curiosidades>.

Patta, Debora. CBS News (2020). “In Africa, toppling statues is a first step in addressing racism, not the last”. Consulta em 29 de junho de 2022, <https://www.cbsnews.com/news/in-africa-toppling-statues-is-a-1st-step-in-addressing-rac>

[ism-not-the-last](#).

Folha de São Paulo (2021). “Estátua do bandeirante Borba Gato é incendiada em São Paulo”. Consulta em 29 de junho de 2022, <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/estatua-do-bandeirante-borba-gato-e-inciendiada-em-sao-paulo.shtml>.

Globo, O (2020). “Manifestantes derrubam estátua do traficante de escravos Edward Colston em Bristol na Inglaterra”. Consulta em 29 de junho de 2022, <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/07/manifestantes-derrubam-estatua-do-traficante-de-escravos-edward-colston-em-bristol-na-inglaterra.ghtml>,

Paolucci, Antonio. CNN (2020). “Cabinet of Curiosities”. Edition Taschen. Consulta em 30 de junho de 2022, disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/cabinet-of-curiosities-book/index.html>.

Pardo-Tomás, José (2018). “La historia natural y el coleccionismo en gabinetes de curiosidades y museos de papel”. In book: Maria Sybilla Merian y Alida Withoos. Mujeres, arte y ciencia en la Edad Moderna. Eds. Montserrat Cabré & Maria Cruz de Carlos Publisher: Universidad de Cantabria. Consulta em 30 de junho de 2022, [https://www.researchgate.net/publication/329168425\\_La\\_historia\\_natural\\_y\\_el\\_coleccionismo\\_en\\_gabinetes\\_de\\_curiosidades\\_y\\_museos\\_de\\_papel/references](https://www.researchgate.net/publication/329168425_La_historia_natural_y_el_coleccionismo_en_gabinetes_de_curiosidades_y_museos_de_papel/references).

Ribeiro, António Pinto. O Público (2022). “Museus na Europa”. Consulta em 28 de junho de 2022, disponível em: <https://www.publico.pt/2022/05/17/culturaipsilon/opiniao/museus-europa-2006421>.

Ribeiro, Margarida Calafate (2020). “Arte e Pós-memória – Fragmentos, fantasmas, fantasias”. *Revista do Centro de Estudos Humanísticos Dia Crítica*, vol.34, nº2, pp.4-20. DOI: doi.org/10.21814/diacritica.523. Consultado em 13/12/2022, em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/90496/1/Arte%20e%20Pos%20Memoria.pdf>.

Santos, Boaventura S. O Público (2020). “As estátuas do nosso descontentamento”. Consulta em 28/06/2022, <https://sul21.com.br/opiniao/2020/06/as-estatuas-do-nosso-descontentamento-por-boaventura-de-sousa-santos>.